

101 anos da Academia Cearense de Letras

Carlos d'Alge

A Academia Cearense de Letras completa hoje 101 anos. Ainda estão bem vivas as comemorações em torno do centenário, que culminaram com uma sessão solene neste auditório, o lançamento da Antologia e, mais tarde, a memorável sessão na Academia Brasileira de Letras, de que participaram colegas nossos comandados pelo Acadêmico Artur Eduardo Benevides.

Passado o centenário, novamente atendemos à convocação da Presidência para comemorar os 101 anos de nossa Academia. Um breve olhar para esse ano a mais diz-nos que nele vamos encontrar a saudade, o reconhecimento, a afirmação e a esperança. A saudade é pelos que nos deixaram. Em um mês perdemos três ilustres colegas: Osmundo Pontes, Cláudio Martins e Mozart Soriano Aderaldo.

Eram intelectuais estimados e a eles muito deve a Academia. Osmundo Pontes ocupava a cadeira N.º 21 que tem como patrono José de Alencar. Integrava a diretoria e foi por muito tempo Presidente da Academia Cearense de Retórica. Juiz do Trabalho, fundou a revista *Contemporânea*, e colaborou nos jornais de Fortaleza. Entre os livros que publicou, ressaltamos: *Notícia histórica de Massapê*; *Portugal e outras pátrias*; *China: Homem e Paisagem*; e *Portugal dos meus amores*. O corpo de Osmundo foi velado nesta sede e em nome da Academia falou o Acadêmico Geraldo Fontenelle.

Cláudio Martins ocupava a cadeira N.º 31, cujo patrono é Farias Brito. Presidente por muitos anos da nossa Academia, era professor de Direito, notário público, e poeta. Foi secretário da Fazenda no governo Plácido Castelo e presidiu o Conselho Estadual de Educação. Sua obra literária é bastante extensa e nela

constam livros sobre finanças públicas, ensaios e poesia. Durante a sua Presidência, a Academia transferiu-se definitivamente para esta sede. Publicou: *Poemas; 30 poemas para ajudar, Viagem no Arco-Iris; Metamorfose; Sonetos e Trovas; Rimas ao acaso ; Vai-vém.*

Mozart Soriano Aderaldo ocupava a Cadeira N.º 19 que tem como patrono o poeta José Albano. Era Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará e membro do Instituto Histórico. Dirigia, juntamente com sua sobrinha, e nossa colega, Noemi Elisa Aderaldo, a Revista da Academia. Foi durante muito tempo nosso Vice-Presidente. Publicou: *A poesia do escritor na reconstrução do mundo; Esboço da história da literatura brasileira; Colonização das terras devolutas do Ceará; Apoemas; História abreviada de Fortaleza; A Praça; O Cacto Amarelo; No Mar de Tiberíades*, e outros. O seu corpo também foi velado nesta Casa. Em nome da Academia falou Geraldo Fontenelle.

Agora resta esperar que os nomes que venham a ocupar as vagas destes saudosos colegas continuem o seu intenso trabalho pela nossa instituição.

Mencionei o reconhecimento. A Academia sempre primou em distinguir personalidades que desenvolveram esforços pela cultura da nossa terra. Desta vez homenageia quatro amigos: Alexandre Vidal, Gérard Boris, Geraldo Jesuino da Costa, e Miriam Carlos de Sousa. Alexandre Vidal durante longos anos foi Cônsul de Portugal no Ceará. Aposenta-se agora como Decano do corpo consular. A ele estou ligado por profundos laços de amizade que vem desde o meu saudoso pai. Foi ele o meu padrinho de formatura quando obtive o grau de Licenciado em Letras pela antiga Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, de que foi Diretor o nosso Presidente Artur Eduardo Benevides. Gérard Boris é Cônsul da França, sucedeu ao seu saudoso genitor Bertrand Boris, personalidade também inesquecível. Geraldo Jesuino da Costa é professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará e Diretor da Imprensa Universitária. Artista do *design* gráfico, dele são as melhores ilustrações e capas das Edições da UFC. Miriam Carlos de Sousa, membro do Conselho Estadual de

Cultura, regente de corais, sensibilidade ímpar para a música, o seu nome traz à lembrança o Reitorado do professor Martins Filho, quando o harmonioso conjunto Madrigal da UFC, sob a regência do maestro Orlando Leite, obtinha consagração pública.

A afirmação. A Academia não é um local para reuniões de senhores circunspectos e diletantes - como alguns preferem vê-la - nem para afagar de vaidades - como desavisados julgam - mas para o convite permanente à reflexão, ao debate, à discussão de idéias. Para além das reuniões mensais, há os cursos que a Academia ministra. Todos voltamos para o aprimoramento cultural da comunidade, há as suas publicações, e há, sobretudo, a sua presença em atividades que tratem de assuntos culturais.

Chegou-se a divulgar que a Academia não passava de uma instituição do século XIX. Não se pretendia, está claro, lembrar a data da sua fundação, mas passar a idéia de que somos uma Casa onde se cultivava só o passado, portanto envelhecida. Quem disse tal tolice não conhece a origem do próprio termo Academia. Remontar a Platão é ideal sublime, porque na Academia o filósofo dava as suas aulas. Como escreveu o poeta Milton, em *Paraíso Reconquistado*:

“ ... o bosque de oliveira de Academe, retiro de Platão, lá onde o pássaro ático faz ouvir seus gorjeios por todo verão.”

Ora, a Academia pertence à Humanidade, o seu registro não atinge apenas o século XIX, mas todas as épocas, desde a antigüidade clássica. Por que não lembrar a Academia do século dezessete, quando Charles Perrault - o mesmo autor dos contos de fadas - iniciava a célebre questão entre Antigos e Modernos? Ou as academias iluministas e libertárias do século dezoito? Por que não abençoar o mesmo século XIX que nos deu Balzac, Dickens, Dostoiévski e Tolstos? E Machado, e Eça, cujos 150 anos de nascimento festejamos agora?

Toda a geração que pretende inovar acaba às vezes, até inconscientemente, incorporando ao seu discurso a tradição. A polémica é antiga. Toda a pretensa vanguarda acaba por se trans-

formar em tradição e esse ciclo é interminável. Essa é que deve ser a visão intelectual que transcende os limites provincianos.

A esperança. O que esperamos neste festejar dos 101 anos? Num mecenato que existe, que não tem o costume de premiar e sim de acumular? Ou nos nossos próprios esforços em superar as dificuldades muitas vezes transitórias? A Academia é sempre uma renovação, a imortalidade não está apenas nas paredes deste palácio, onde figuram emblemáticos rostos de acadêmicos, ou no repertório da nossa Revista. A imortalidade está naquilo que produzimos aos nossos pósteros, está nas Enciclopédias e Dicionários, que informam aos vindouros quem fomos, o que escrevemos e o que pensávamos. A imortalidade conquista-se não com eleição mas com a participação. Com a afirmação de que o conceito de ser humano é mais importante que o de sociedade em geral, e de que desta ou daquela maneira contribuímos para alguma mudança.

Que os 101 anos sirvam para esta reflexão final é o que esperamos.